



COINTER PDVL 2020

VII CONGRESSO INTERNACIONAL DAS LICENCIATURAS

Edição 100% virtual | 02 a 05 de dezembro

ISSN:2358-9728 | PREFIXO DOI:10.31692/2358-9728

A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL COMO INSTRUMENTO DE TOMADA DE CONSCIÊNCIA CRÍTICA: UMA POSSIBILIDADE DE ATUAÇÃO NA ESCOLA

LA PSICOLOGÍA HISTÓRICO-CULTURAL COMO INSTRUMENTO DE CONCIENCIA CRÍTICA: UNA POSIBILIDAD DE ACTUACIÓN EN LA ESCUELA

THE HISTORICAL-CULTURAL PSYCHOLOGY AS AN INSTRUMENT FOR THE TAKING OF CRITICAL CONSCIOUSNESS: A POSSIBILITY OF ACTION IN SCHOOL

Apresentação: Pôster

Wesley Henrique Alves da Rocha¹

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretendemos apresentar um projeto de intervenção que foi desenvolvido em uma escola pública estadual, localizada em Cuiabá, capital de Mato Grosso. O projeto teve como objetivo principal oferecer um espaço dialógico que oportunizasse a tomada de consciência crítica dos participantes. O projeto foi fundamentado pela Psicologia Histórico-Cultural. Optamos por realizar a intervenção na *sala de articulação*, composta por estudantes de 12 a 14 anos com alguma dificuldade de aprendizagem. A sala é uma alternativa de atendimento a estudantes com dificuldades de aprendizagem que frequentam a classe regular e irão receber atendimento com professor especializado, material e recursos pedagógicos adequados, dando ênfase às atividades lúdicas. O projeto foi chamado de *Articulando Saberes*, onde através de encontros semanais com os alunos trabalhamos temas específicos que perpassam pela vivência escolar, visando a criação de um espaço onde os estudantes possam socializar os sentidos que os mesmos têm em relação à escola, às disciplinas, como eles vêm se apropriando do espaço escolar, contribuindo dessa forma para a aproximação do sentido pessoal que dão para a escola e para as coisas da escola, do significado estabelecido para aquele espaço.

¹ Bacharel em Psicologia; Doutorando/Mestre em Estudos de Linguagem, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso, wesleyrocha@ufmt.br

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Asbahr (2014), quando Vygotsky formula os conceitos de *sentido* e *significado*, buscou superar o dualismo, até então dominante na Psicologia, ao fazer isso, Vygotsky queria ressaltar aquilo que é especificamente humano no homem, isto é, sua capacidade de criação e autoprodução nos seus modos e condições de existência. Leontiev propõe que o sentido é, antes de mais nada, uma relação que se cria na vida, na atividade do sujeito. Um dos grandes temas de Vygotsky é a relação pensamento e linguagem, analisadas como unidade, o pensamento não é resultado da palavra, mas se realiza nela.

O sentido, para Vygotsky, seria a soma de todos os fatos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. Tem caráter simbólico, é dinâmico e fluido, muda de acordo com o contexto, enquanto que o significado permanece estável em todas as mudanças de sentido e contexto, é uma generalização, sendo assim, o sentido tem predomínio sobre o significado, por ser mais amplo, fluído e dinâmico, mas não são dissociáveis.

Cabe destacar a mediação como processo indispensável na construção dos sentidos e significados, “compreende-se a mediação como rico processo de interação entre os sujeitos, tendo a linguagem como ambiente” (COSTAS; FERREIRA, 2010), isto posto, é através da mediação (interação entre sujeitos através da linguagem) que se possibilita a formação de processos psicológicos mais complexos, conseqüentemente ocorre a internalização das representações do mundo, criando compreensões próprias, ou seja, criando novos sentidos, assim como a fala interna ou o pensamento verbal (ibidem).

A interação/mediação/dialogicidade é uma premissa para a tomada de consciência da pessoa. Freire propõe a conscientização como um esforço de conhecimento crítico dos obstáculos que impedem a transformação do mundo (FREIRE, 2000, apud ZATTI, 2007, p.71) e a partir do momento que a pessoa passa a ter esse conhecimento, ou seja, conhecer o contexto em que está inserida em todas as suas implicações, ela passa a poder transformar o mundo e/ou sua realidade e se inserir criticamente na sua história.

O significado está diretamente ligado ao conceito, que se generaliza a partir de uma estabilização social de ideias, ou seja, por um grupo, o sentido por sua vez, tem caráter simbólico e é totalmente baseado no social. No significado, temos um discurso marcado por categorias, que desencadeiam um raciocínio coerente, o sentido, entretanto, fica em um campo difuso que, quando se cristaliza, torna-se um significado. Na relação com o mundo é que a pessoa internaliza significados levando em consideração suas experiências e a partir disso

[2]

atribuindo um sentido próprio.

Considerando o exposto, objetivou-se com o projeto fugir de práticas, que Heller, citada por Patto (1999), denomina como abstratas e que vêm sendo reproduzidas automaticamente. É necessária uma prática que possibilite uma vivência real do conhecimento para romper com estas práticas cristalizadas, para tanto através do diálogo em encontros semanais buscamos criar um espaço onde os estudantes possam falar sobre suas vivências escolares, atribuir e socializar os sentidos atribuídos ao ambiente escolar, visando a aproximação dos sentidos atribuídos por eles do significado social.

METODOLOGIA

O projeto Articulando Saberes, consistiu em encontros semanais, duas vezes por semana, com duração média de uma hora cada. Em cada encontro trabalhamos temas diferentes a fim de que os estudantes expressem seus sentidos e significados em relação aos temas propostos. Foram sete encontros. Os temas foram os seguintes: 1º encontro: Apresentação do projeto aos estudantes, apresentação dos estagiários e dos estudantes a fim de que o grupo se conheça; 2º encontro: Apresentação das famílias através de desenho; 3º encontro: Falando sobre a escola; 4º encontro: Batata quente das disciplinas; 5º encontro: Falando sobre os medos; 6º encontro: Sexualidade e 7º encontro: Devolutiva.

1º encontro: Nesse primeiro encontro focamos em conhecer os integrantes da sala de articulação, primeiramente apresentamos o projeto para a turma e perguntamos o que eles achavam que o psicólogo faz na escola, depois de um período de silêncio disseram que o psicólogo ajuda com traumas e que é uma coisa boa na escola. Depois propomos que se dividissem em duplas, para que cada dupla se entrevistasse e depois apresentasse o colega que foi entrevistado. Nesse dia estavam presentes 10 estudantes de 12 a 14 anos de idade. Houve dificuldade para formar as duplas, alguns queriam trios com os que tem mais afinidade. Depois de formadas as duplas demos um tempo para que se entrevistassem. A entrevista continha os seguintes dados: nome e história do nome, idade, ano que estuda, o que gosta de fazer, o que precisa melhorar na escola, maior dificuldade e disciplinas que gostam e que não gostam.

Durante as apresentações foram constantes as reclamações acerca das cópias, muitos disseram que os professores passam lousas e mais lousas de texto para serem copiados. Das disciplinas que gostam apareceram: ciências, matemática, português e geografia. Das que não gostam apareceram: português, inglês, geografia. Quando questionados sobre as disciplinas que não gostam disseram que em geral as professoras só passam cópias e não deixam ir ao banheiro,

[3]

A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL COMO INSTRUMENTO DE TOMADA

para eles a aula/professor ideal é aquele que deixa brincar e mexer no celular depois das atividades, disseram também que preferem ficar na sala de articulação do que na sala comum, porque na articulação é mais tranquilo e conseguem aprender o que não aprendem em sala de aula. Para eles a escola serve para aprender a ler e escrever, mas o tempo de intervalo deveria ser maior, segundo eles ninguém merece ficar mais de duas horas dentro de uma sala de aula com um professor "enchendo o saco".

2º encontro: Nesse encontro a proposta da atividade foi trazer para a discussão com os estudantes a questão da família, através de desenhos que elas fizessem. Estiveram presentes 06 estudantes. Propomos então que todos desenhassem suas famílias e depois apresentassem para os demais. Nós estagiários também fizemos, os desenhos foram bem diversos, uns com famílias pequenas, outros com famílias bem grandes, desenharam familiares que já faleceram também. O interessante foi que alguns estudantes com pais separados fizeram o desenho de duas famílias, a família da mãe e a do pai, sugerindo que consideram como família não só aqueles que moram junto, mas sim aqueles que têm afeto.

3º encontro: Nesse encontro primeiramente construímos uma agenda coletiva onde constaram todos os encontros que já havíamos feitos e os que ainda faríamos. O objetivo desse encontro foi saber como os alunos veem o espaço escolar e estimular a produção de conhecimento sobre o mesmo, a partir da atribuição de sentidos e significados coletivos. Inicialmente a proposta era de que os estudantes apresentassem a escola através de um passeio pelo espaço, porém não quiseram sair da sala devido ao clima quente que estava no dia, sendo assim, eles escolheram alguns espaços da escola para falar sobre, estiveram presentes 09 estudantes.

Os locais escolhidos por eles foram: diretoria, coordenação, salas de aula, sala de professores, sala de articulação, laboratório de informática e pátio. De acordo com os estudantes a diretoria é um lugar que serve para coordenar, ligar para os pais, punir as pessoas e expulsar; a coordenação para coordenar documentos, fazer matrícula e fiscalizar os professores e seus planos de aula; as salas de aula servem para estudar, aprender, fazer bagunça, mas também foi dito que é um lugar onde se sentem presos e sozinhos, visto que tem grades em todo lugar; já a sala de articulação foi representada como lugar onde conseguem aprender e entender aquilo que não conseguem na sala de aula comum; já a sala dos professores foi retratada como lugar onde se faz reuniões sobre os alunos. Houve grande dificuldade em ouvir, todos queriam falar ao mesmo tempo. Após isso foi proposto que desenhassem os lugares da escola que mais gostavam e que menos gostavam.

[4]

4º encontro: Nesse encontro, devido à dificuldade do encontro passado em ouvir os colegas que estavam falando, fizemos alguns combinados, combinamos que quem não quisesse participar estaria livre para não participar, entretanto não poderia atrapalhar as atividades do grupo e também quem quisesse falar levantaria a mão e respeitaria a vez do outro. Após isso propomos um jogo de associação de palavras. Dividimos os estudantes em dois grupos, cada grupo deveria pegar uma letra aleatória e uma disciplina que estavam em papezinhos embaralhados, depois deveriam pensar em uma palavra com a letra sorteada e relacionada com a disciplina sorteada. Foi possível perceber que os estudantes não têm apropriação dos conteúdos das disciplinas, visto que falavam palavras aleatórias que começavam com a letra sorteada, mas que nada tinha a ver com a disciplina sorteada. Perguntaram se podiam pesquisar, dissemos que sim, então pegaram livros didáticos, dicionários e seus próprios cadernos para pesquisar as palavras.

5º encontro: A temática desse encontro foi o medo dentro e fora da escola, e para isso foi utilizado o poema “Quem tem medo do quê?” de Ruth Rocha, e houve um segundo momento de desenhos. Todas as crianças interagiram minimamente e falaram sobre seus medos. Estiveram presentes nesse encontro 08 estudantes. Após a leitura do poema solicitamos que desenhassem seus medos dentro e fora da escola e que depois apresentassem para o grupo. Dos medos fora da escola surgiram: medo da mãe (porque bate), morte, cobra, aranha, cavalo e cachorro, já dos medos dentro da escola surgiram: provas, coordenadora e apanhar. Questionamos se ninguém tinha medo de ir pra diretoria, disseram que não, porque já tinham ido várias vezes pra lá e já sabiam o que ia acontecer, a diretora iria ligar para os pais e eles não iriam atender porque já sabiam que iam ouvir "merda" da escola.

6º encontro: No sexto encontro estavam presentes 05 estudantes, abordamos a questão da sexualidade. Primeiramente escrevemos a palavra “sexualidade” na lousa e pedimos para que dissessem coisas boas e ruins que sabiam sobre o tema. Houve muita vergonha, não quiseram falar, então propomos que escrevem em papéis anonimamente. Das coisas boas apareceram: fazer e ter filhos, beijo, prazer e conhecer o corpo; das coisas ruins apareceram: ter filhos, não fazer sexo, pegar aids, ser gay, engravidar, preconceito e dor. A partir do que eles escreveram levantamos questionamentos, por exemplo, disseram que ser gay é ruim, perguntamos o motivo, disseram que é ruim porque existe muito preconceito, as pessoas zombam e ficam chamando de "viadinho". Pensando em fugir um pouco de questões biológicas pensamos em uma dinâmica que abordasse os vários tipos de sexualidade. Sendo assim levamos os tipos de sexualidade impressos e cortados em várias partes (heterossexualidade,

A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL COMO INSTRUMENTO DE TOMADA

homossexualidade, transexualidade, gay, lésbica) a fim de que se dividissem em dois grupos e quem conseguisse montar cada palavra primeiro deveria dizer o que achava que significava. Foi possível notar que eles não têm apropriação do tema, a única palavra que acertaram o significado foi heterossexualidade, visto que não sabiam as outras palavras propomos que procurassem no dicionário e lessem para o grupo. Foi uma dinâmica muito rica em que foi possível ver preconceitos, estereótipos e que a partir dos esclarecimentos acerca do tema procuramos romper. Depois disso um dos estudantes disse que nunca imaginou aprender essas coisas na escola. Após essa dinâmica propomos que desenhassem todos em uma única cartolina o que entendiam por sexualidade, os desenhos foram bastante expressivos, mostram uma sexualidade que está ali e que precisa ser falada, ouvida e debatida.

7º encontro: O sétimo encontro foi dedicado à devolutiva do projeto para os estudantes participantes. Inicialmente resgatou-se o objetivo do projeto, após isso foram feitos alguns questionamentos a fim de que os estudantes apresentassem as impressões que tiveram do projeto, mais uma vez disseram gostar de estar/pertencer à sala de articulação, visto que lá conseguem aprender mais e tem mais liberdade. Quando questionados acerca do projeto que realizamos foi dito que gostaram muito e que gostariam que também fosse feito na sala de aula comum ao invés de ficarem fazendo cópias de textos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os encontros do projeto *Articulando Saberes* foram pensados com a premissa básica de apropriação e atribuição de sentido ao espaço escolar e de outras questões cotidianas que podem auxiliar os estudantes no seu desenvolvimento, e, conseqüentemente, no seu desempenho escolar. Também buscamos oferecer um espaço onde os estudantes pudessem aproximar cada vez mais o sentido pessoal que dão para a escola e para as coisas da escola, do significado estabelecido para aquele espaço, com aqueles atores, tendo em vista a realidade social do bairro, da comunidade e etc.. Falamos também sobre a importância da fala tendo em vista que a linguagem organiza o pensamento, auxiliando neste processo de apropriação e atribuição de sentido ao espaço escolar (COSTA & FERREIRA, 2011).

Durante os encontros foi possível perceber que os estudantes da sala de articulação gostavam muito de pertencer a esse espaço, isso porque realmente se sentiam pertencentes, sentiam que tinham liberdade para dialogar. Mas também, a partir das falas dos estudantes, percebemos que há a vontade de pertencer a sala comum também, de poderem contar sobre suas vivências escolares, sobre seus medos, sobre suas famílias também dentro da sala comum.

[6]

A professora responsável pela articulação oferecia a esses estudantes um espaço que os acolhia, que os convidava a aprender, combinava com eles as atividades que seriam realizadas, fazia com que eles se sentissem participantes do próprio processo de aprendizagem e não objetos. Uma das reclamações que mais surgiu durante os encontros foi a questão das cópias. Segundo os estudantes os professores da sala comum passam lousas e mais lousas de cópias, é preciso se atentar a isso, os estudantes não estão atribuindo sentido e/ou significado ao simples ato de copiar e a destituição de significado mortifica o processo de ensino-aprendizagem (PATTO, 2015, p. 253).

Professores se queixavam de que os estudantes da articulação não faziam nada quando estavam em sala de aula comum. A professora responsável pela articulação fez reflexões importantes sobre essa questão, ela disse que os estudantes se sentiam sozinhos na sala comum, visto que os professores não os enxergam, são invisíveis por conta da dificuldade de aprendizagem, por isso não fazem nada, ficam no canto da sala e querem sair o tempo todo quando estão na sala comum. Segundo Patto (2015, p. 265), pela inércia em sala os estudantes acabam invertendo as relações de poder, fazendo do silêncio sua força e querendo sair da sala de aula comum na verdade estão à procura de algo que lhes faça sentido fora dela (ibidem, p. 261). Coisas que não aconteciam na sala de articulação, até mesmo durante o recreio os estudantes não queriam sair da sala, ficavam lá conversando, jogando e a professora os deixava se sentirem donos daquele espaço, até mesmo durante as aulas ela permitia o lazer, improvisavam uma mesa de ping-pong no meio da sala e ali se divertiam.

Checchia (2010) já fez uma reflexão acerca disso em seu trabalho, destacando que os jovens indicavam aspectos institucionais implicados na produção da bagunça, das brigas e falta de interesse nas aulas, destacando a ausência de atividades recreativas (esporte, lazer) na escola, que seriam meios de expressão e extravasamento da energia represada durante as aulas expositivas. Outra questão importante que pôde ser observada, principalmente nos encontros sobre sexualidade e batata quente das disciplinas em que a timidez e a falta de apropriação do tema foram mais significativas, foi a construção e atribuição de significados e sentidos pela mediação.

Observou-se que, os estudantes passaram a atribuir sentido e significado às palavras antes desconhecidas e a sexualidades antes desconhecidas também. Foi nítido a aprendizagem, tanto que um dos estudantes chegou a dizer que nunca havia imaginado que poderia aprender essas coisas na escola (se referindo às sexualidades). Sendo assim, é preciso que a escola trabalhe com os professores a questão da diversidade, para que consigam trabalhar com todos

A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL COMO INSTRUMENTO DE TOMADA

os estudantes, independente do grau de dificuldade ou facilidade de aprendizagem. Para que, dessa forma, professores consigam oferecer em sala de aula um espaço onde os estudantes queiram e gostem de estar, assim como acontece na sala de articulação. Compreendemos que não é tarefa fácil para direção, coordenação e professores, visto que deve ser um trabalho em equipe. Por isso, nós, estagiários de Psicologia, nos colocamos a disposição para pensar essa questão.

CONCLUSÕES

Em harmonia com Machado (2002), a queixa escolar é constituída em uma história coletiva, trabalhar com a queixa escolar pressupõe buscar o quanto é possível alterar essa produção, movimentando histórias escolares paralisadas. E é isso que o estágio propôs, pensar a queixa de forma a interromper a sua produção, sabendo que alterações simples no cotidiano, tais como ser ouvido, podem produzir efeitos importantes nas relações estudante-aprendizagem, estudante-colegas, estudante-escola, estudante-pais, etc.

Além disso, o projeto possibilitou discutir sobre as possibilidades de intervenções a partir da abordagem crítica em Psicologia e, ainda, elaborar e desenvolver propostas de intervenção em ambientes socioeducativos, como é o caso do projeto *Articulando Saberes*, visando oferecer espaços e instrumentos para que as pessoas socializem e atribuam sentidos e significados ao contexto em que estão inseridas e desenvolvam senso

REFERÊNCIAS

ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Por que aprender isso, professora? Sentido pessoal e atividade de estudo na Psicologia Histórico- Cultural. **Estudos de Psicologia**, p. 169-178, 2014.

BRAGAGNOLO, R. I.; SOUZA, S. V. Atendimento a queixa escolar: desafios e possibilidades metodológicas na intervenção a crianças com histórico de fracasso escolar. **X CONPE**. Universidade Estadual de Maringá, 2011.

CHECCHIA, Ana Karina Amorim. **Adolescência e escolarização: numa perspectiva crítica em psicologia escolar**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010.

COSTAS, F. A. T.; FERREIRA, L. S. Sentido, significado e mediação em Vygotsky: implicações para a constituição do processo de leitura. **Revista Iberoamericana de Educación**. Nº 55 (2011), p. 205-223.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

ROCHA, W. H. A.

FRELLER, Cíntia Copit et al. Orientação à queixa escolar. **Psicol. Estud. Maringá**, v. 6, n. 2, p. 129-134, Dec. 2001

MACHADO, Adriana Marcondes. **Avaliação Psicológica na Educação: Mudanças Necessárias. In: Psicologia e Educação: Desafios Teóricos – Práticos.** Elenita de Rício Tanamachi, Marilene Proença e Marisa Lopes da Rocha (org.). — São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

MATO GROSSO, Secretaria de Estado de Educação. **Escola Ciclada de Mato Grosso: novos tempos e espaços para ensinar – aprender a sentir, ser e fazer.** 2ª edição. Cuiabá: Seduc, 2001.

PATTO, M, H, S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia.** 4ª edição revista e aumentada. São Paulo: Intermeios, 2015.

SANTOS, A. A. C. Construindo modos de conversar com crianças sobre suas produções escolares. In: **Ouvindo crianças na escola: abordagens e desafios metodológicos para a psicologia.** Marilene Proença Rebello de Souza (org.). 1ª ed. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2010, p. 203-228.

ZATTI, Vicente. **A educação para a autonomia em Immanuel Kant e Paulo Freire.** Dissertação (Mestrado em Educação). Porto Alegre, UFRGS, 2007, p. 71.